



PLURALIDADE DOS MUNDOS HABITADOS

Ao lado da idéia básica da existência de Deus, como inteligência Suprema, causa primária de todas as coisas; da alma humana, como essência do ser pensante, independente e autônoma; da sua preexistência ao corpo físico, criada que foi por Deus simplesmente como Espírito, o qual só posteriormente se une à matéria, tornando-se, então, um Espírito Encarnado; da sua sobrevivência à morte física voltando ao plano espiritual donde viera, ali permanecendo por tempo mais ou menos longo, até nova encarnação; da pluralidade das existências corporais em virtude da necessidade da reencarnação para os Espíritos errantes; da pureza espiritual e da perfeição como alvos supremos a atingir pelos Espíritos em sua marcha ascensional, quando, após atingidas, eles não mais encarnarão; ao lado desses princípios básicos do Espiritismo, encontra-se também o da pluralidade dos mundos habitados.

Na obra da Criação Divina, entre os mundos destinados à encarnação de Espíritos em estágios probatório e expiatório, encontra-se a Terra, como uma das habitações do homem. No universo imenso, muitos outros mundos existem que abrigam humanidades semelhantes à nossa, estando o homem terreno muito longe da condição de único ser corpóreo dotado de racionalidade e senso de moral.

O homem pois, em qualquer desses mundos tem dupla natureza: corporal e espiritual. Pelo corpo, ele é transitório, partilha a natureza dos outros seres vivos, que nascem, crescem, desenvolvem-se, reproduzem-se, envelhecem e morrem; pelo Espírito, é imortal e eterno, progride sempre, aproximando-se cada vez mais da perfeição, que é o seu alvo supremo, na escala dos seres e dos mundos.

Criado por Deus simples e ignorante, dotado de liberdade e livre-arbítrio, sendo tão apto a fazer o bem, quanto a fazer o mal, falível portanto, sujeita-se o Espírito a encarnar e a reencarnar, atravessando múltiplas existências corporais na Terra ou em outros mundos, tantas quantas necessárias para ultimar sua depuração e seu progresso.

Todo Espírito encarnado, enquanto o corpo vive, estará de certo modo fixado no mundo em que encarnou. Desencarnado, pela morte do corpo, ele passa à condição de Espírito errante, que é exatamente aquele ainda necessitado de reencarnar, para depurar-se e progredir. No estado de erraticidade, o Espírito ainda pertence ao mundo onde tem de encarnar, mas não está preso a ele; é mais livre, podendo até mesmo visitar outros mundos, com a finalidade de instruir-se.

A totalidade dos Espíritos que se encontram no estado de erraticidade num dado momento constitui a **população espiritual ambiente** da Terra. Essa população não é fixa, pois, através das mortes e nascimentos, ocorrem constantes **emigrações** do mundo corpóreo para o mundo espiritual e **imigrações** do mundo espiritual para o mundo corpóreo; acarretando constante modificação das populações terrestre e espiritual.

Às vezes, ocorrem renovações rápidas, seguindo processos de desencarnação em massa. Tais alterações agudas na composição da população espiritual terrestre, que certamente

terão seus similares em outros mundos, visam acelerar o progresso moral, que de outro modo seria muito lento. Ao mesmo tempo que permitem a renovação de idéias e disposições, favorecem a erradicação rápida e eficiente de costumes e tendências coletivas, incompatíveis com os impositivos da lei do progresso.

Por outro lado, a totalidade de Espíritos encarnados e desencarnados vinculada a determinado mundo não permanece inalterada. A par das adições proporcionadas pelo próprio processo evolutivo planetário, ocorrem periodicamente intercâmbios (verdadeiras **transfusões**) entre populações espirituais de diferentes mundos. Tais processos de intercâmbio interplanetário ocorrem normalmente, envolvendo pequenos contingentes de Espíritos que se deslocaram muito, para além ou para aquém da média dos valores evolutivos de seus meios espirituais originários. Mas, em proporções bem menores, podem envolver grandes massas de Espíritos, quando os preceitos evolucionários de caráter cósmico que nos regem os destinos assim o exijam. Os mundos entre os quais tais fluxos migratórios coletivos são possíveis acham-se aparentados nas trilhas cósmicas da evolução: são como elos de uma mesma corrente, ligando solidariamente os esforços dos Espíritos menos evolucionados aos dos mais evoluídos, no caminho da perfeição.

Kardec afirma categoricamente, em **A Gênese**, que tais grupos de Espíritos, oriundos de processos evolucionários ambientados em outros mundos, constituem **raças de Espíritos** diversas, as quais darão origem a novas **raças de homens**, já que os corpos por eles usados refletirão necessariamente o caráter que lhes é peculiar e se expressarão em traços fenotípicos específicos. (01) Embora os mecanismos da raciação humana atendam a requisitos biológicos próprios, tais como a adaptação, a mutação e a miscigenação, por meio dos quais se explicam as modificações dos traços raciais primários, esses conceitos são claramente insuficientes para dar conta do surgimento dos traços primários em si mesmos. Assim é que, nos estudos antropológicos e biológicos referentes à questão das raças humanas não se poderá atingir um equacionamento satisfatório enquanto não se tiver em vista a intervenção do Espírito, na condição de elemento transcendente, motivando e atribuindo significado a todo o acontecer biológico.

É sob esse prisma que Kardec analisa a questão do surgimento das raças humanas: “De acordo com o ensino dos Espíritos, foi uma dessas grandes imigrações, ou, se quiserem, uma dessas **colônias de Espíritos**, vinda de outra esfera, que deu origem à raça simbolizada na pessoa de Adão e, por essa razão mesma, chamada **raça adâmica**. Quando ela aqui chegou, a Terra já estava povoada desde tempos imemoriais (...).

Mais adiantada do que as que a tinham precedido neste planeta, a raça adâmica é (...) a mais inteligente, a que impele ao progresso todas as outras. **A Gênese** no-lo mostra, desde os seus primórdios, industriosa, apta às artes e às ciências, sem haver passado aqui pela infância espiritual, o que não se dá com as raças primitivas, mas concorda com a opinião de que ela se compunha de Espíritos que já tinham progredido bastante. Tudo prova que a raça adâmica não é antiga na Terra e nada se opõe a que seja considerada como habitando este globo desde apenas alguns milhares de anos (...).” (01)

“Os mundos progridem (...) moralmente, pela purificação dos Espíritos que o habitam. A felicidade neles está na razão direta da predominância do bem sobre o mal e a predominância do bem resulta do adiantamento moral dos Espíritos. (...)

Logo que um mundo tem chegado a um de seus períodos de transformação, a fim de ascender na hierarquia dos mundos, operam-se mutações na sua população encarnada e desencarnada. É quando se dão as grandes emigrações e imigrações. Os que, apesar da sua inteligência e do seu saber, perseveraram no mal, sempre revoltados contra Deus e suas leis, se tornariam daí em diante um embaraço ao ulterior progresso moral, uma causa permanente de perturbação para a tranquilidade e a felicidade dos bons, pelo que são excluídos da humanidade a que até então pertenceram e tangidos para mundos menos adiantados, onde aplicarão a inteligência e a intuição dos conhecimentos que adquiriram ao progresso daqueles entre os quais passam a viver, ao mesmo tempo que expiarão, por uma série de existências penosas e por meio de árduo trabalho, suas passadas faltas e seu voluntário endurecimento. (...)” (03)

“A raça adâmica apresenta todos os caracteres de uma raça proscrita. Os Espíritos que a integram foram exilados para a Terra, já povoada, mas de homens primitivos, imersos na ignorância, que aqueles tiveram por missão fazer progredir, levando-lhes as luzes de uma inteligência desenvolvida. (...) Sua superioridade intelectual prova que o mundo donde vieram os Espíritos que a compõem era mais adiantado do que a Terra. Havendo entrado esse mundo numa nova fase de progresso e não tendo tais Espíritos querido, pela sua obstinação, colocar-se à altura desse progresso, lá estariam deslocados e constituiriam um obstáculo à marcha providencial das coisas. (...)”

Relegando aquela raça para esta terra de labor e de sofrimentos, teve Deus razão para lhe dizer: “Dela tirarás o alimento com o suor da tua frente.” Na sua mansuetude, prometeu-lhe que lhe enviaria um Salvador, isto é, um que a esclareceria sobre o caminho que lhe cumpria tomar, para sair desse lugar de miséria (...) e ganhar a felicidade dos eleitos. Esse Salvador ele, com efeito, lho enviou, na pessoa do Cristo, que lhe ensinou a lei de amor e de caridade que ela desconhecia e que seria a verdadeira âncora de salvação. (...)” (04)

Integralmente concordantes com as colocações feitas por Kardec são os comentários, mais recentes, de Emmanuel, em **A Caminho da Luz**: “Nos mapas zodiacais (...) observa-se desenhada uma grande estrela na Constelação do Cocheiro, que recebeu, na Terra, o nome de Cabra ou Capela. (...)”

Há muitos milênios, um dos orbes da Capela, que guarda muitas afinidades com o globo terrestre, atingira a culminância de um dos seus extraordinários ciclos evolutivos. (...)”

Alguns milhões de Espíritos rebeldes lá existiam, no caminho da evolução geral, dificultando a consolidação das penosas conquistas daqueles povos cheios de piedade e virtudes, mas uma ação de saneamento geral os alijaria daquela humanidade (...).

As grandes comunidades espirituais, diretoras do Cosmos, deliberam, então, localizar aquelas entidades, que se tornaram pertinazes no crime, aqui na Terra longínqua, onde aprenderiam a realizar, na dor e nos trabalhos penosos do seu ambiente, as grandes conquistas do coração e impulsionando, simultaneamente, o progresso dos seus irmãos inferiores.

Foi assim que Jesus recebeu, à luz do seu reino de amor e de justiça, aquela turba de seres sofredores e infelizes.

Com a sua palavra sábia e compassiva, exortou essas almas desventuradas à edificação da consciência pelo cumprimento dos deveres de solidariedade e de amor, no esforço regenerador de si mesmas. (...) Abençoou-lhes as lágrimas santificadoras, fazendo-lhes sentir os

sagrados triunfos do futuro e prometendo-lhes a sua colaboração cotidiana e a sua vinda no porvir.

Aqueles seres angustiados e aflitos (...) reencarnariam no seio das raças ignorantes e primitivas, a lembrarem o paraíso perdido nos firmamentos distantes. (...)

Aquelas almas aflitas e atormentadas reencarnaram, proporcionalmente, (...) onde se haviam localizado as tribos e famílias primitivas, descendentes dos primatas (...). Com a sua reencarnação no mundo terreno, estabeleciam-se fatores definitivos na história etnológica dos seres.

Um grande acontecimento se verificara no planeta.

Aqueles seres decaídos e degradados (...) com o transcurso dos anos, reuniram-se em quatro grandes grupos que se fixaram depois nos povos mais antigos, obedecendo às afinidades sentimentais e lingüísticas que os associavam na constelação do Cocheiro. Unidos, novamente, (...) formaram desse modo o grupo dos árias, a civilização do Egito, o povo de Israel e as castas da Índia.

Dos árias descende a maioria dos povos da família indo-européia; nessa descendência é necessário incluir os latinos, os celtas e os gregos, além dos germanos e dos eslavos.

As quatro grandes massas de degradados formaram os pródromos de toda a organização das civilizações futuras, introduzindo os mais largos benefícios no seio da raça amarela e da raça negra, que já existiam. (...)” (06)

* * *

FONTES DE CONSULTA

- 01 - KARDEC, Allan. Gênese Espiritual. In: **A Gênese** Trad. de Guillon Ribeiro. 36. ed. Rio [Janeiro]: FEB, 1995. Cap. XI. Item 38, pág. 226.
- 02 - Item 39.
- 03 - Item 43.
- 04 - Item 45.
- 05 - Uranografia Geral. In: **A Gênese** Trad. de Guillon Ribeiro. 36. ed. Rio [Janeiro]: FEB, 1995. Cap. VI. Item 56, pág. 136.
- 06 - XAVIER, Francisco Cândido. As raças adâmicas. In: **A Caminho da Luz** Ditado pelo Espírito Emmanuel. 19. ed. Rio[Janeiro]: FEB, 1993. Págs. 33 a 38.